

EVIDÊNCIAS EM SAÚDE PÚBLICA

2
VOLUME

ORGANIZADORES

IARA NADINE VIEIRA DA PAZ SILVA
PAULO SÉRGIO DA PAZ SILVA FILHO
LENNARA PEREIRA MOTA



EVIDÊNCIAS EM SAÚDE PÚBLICA

2
VOLUME

ORGANIZADORES

IARA NADINE VIEIRA DA PAZ SILVA
PAULO SÉRGIO DA PAZ SILVA FILHO
LENNARA PEREIRA MOTA





O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial do SCISAUDE. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.



LICENÇA CREATIVE COMMONS

A editora detém os direitos autorais pela edição e projeto gráfico. Os autores detêm os direitos autorais dos seus respectivos textos. EVIDÊNCIAS EM SAÚDE PÚBLICA 2 de [SCISAUDE](#) está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional](#). (CC BY-NC-ND 4.0). Baseado no trabalho disponível em <https://www.scisaude.com.br/catalogo/evidencias-em-saude-publica-2/58>

2024 by SCISAUDE

Copyright © SCISAUDE

Copyright do texto © 2024 Os autores

Copyright da edição © 2024 SCISAUDE

Direitos para esta edição cedidos ao SCISAUDE pelos autores.

Open access publication by SCISAUDE



EVIDÊNCIAS EM SAÚDE PÚBLICA 2

ORGANIZADORES

Enf. Iara Nadine Vieira da Paz Silva

<http://lattes.cnpq.br/3158922554159966>

<https://orcid.org/0000-0002-5027-200X>

Me. Paulo Sérgio da Paz Silva Filho

<http://lattes.cnpq.br/5039801666901284>

<https://orcid.org/0000-0003-4104-6550>

Esp. Lennara Pereira Mota

<http://lattes.cnpq.br/3620937158064990>

<https://orcid.org/0000-0002-2629-6634>

Editor chefe

Paulo Sérgio da Paz Silva Filho

Projeto gráfico

Lennara Pereira Mota

Diagramação:

Paulo Sérgio da Paz Silva Filho

Lennara Pereira Mota

Revisão:

Os Autores



Conselho Editorial

Ana Flavia de Oliveira Ribeiro

Elane da Silva Barbosa

Juliane Maguetas Colombo Pazzanese

Ana Florise Moraes Oliveira

Francine Castro Oliveira

Júlia Maria do Nascimento Silva

André de Lima Aires

Giovanna Carvalho Sousa Silva

Kaline Malu Gerônimo Silva dos Santos

Angélica de Fatima Borges Fernandes

Heloísa Helena Figuerêdo Alves

Laíza Helena Viana

Camila Tuane de Medeiros

Jamile Xavier de Oliveira

Leandra Caline dos Santos

Camilla Thaís Duarte Brasileiro

JEAN CARLOS LEAL CARVALHO DE
MELO FILHO

Lennara Pereira Mota

Carla Fernanda Couto Rodrigues

João Paulo Lima Moreira

Luana Bastos Araújo

Daniela de Castro Barbosa Leonello

Juliana britto martins de Oliveira

Maria Isabel Soares Barros

Dayane Dayse de Melo Costa

Juliana de Paula Nascimento

Maria Luiza de Moura Rodrigues

Maria Vitalina Alves de Sousa

Raissa Escandiusi Avramidis

Wesley Romário Dias Martins

Maryane Karolyne Buarque
Vasconcelos

Renata Pereira da Silva

Wilianne da Silva Gomes

Paulo Sérgio da Paz Silva Filho

Sannya Paes Landim Brito Alves

Willame de Sousa Oliveira

Mayara Stefanie Sousa Oliveira

Suellen Aparecida Patrício Pereira

Naila Roberta Alves Rocha

Michelle Carvalho Almeida

Thamires da Silva Leal

Neusa Camilla Cavalcante Andrade
Oliveira

Márcia Farsura de Oliveira



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Evidências em saúde pública [livro eletrônico] :
volume 2 / organização Iara Nadine Vieira da
Paz Silva, Paulo Sérgio da Paz Silva Filho,
Lennara Pereira Mota. -- Teresina, PI
: SCISAUDE, 2024.
PDF

Vários autores.
Bibliografia.
ISBN 978-65-85376-44-0

1. Saúde pública - Brasil 2. Sistema Único de
Saúde (Brasil) I. Silva, Iara Nadine Vieira da Paz.
II. Silva Filho, Paulo Sérgio da Paz. III. Mota,
Lennara Pereira.

24-223565

CDD-362.109

Índices para catálogo sistemático:

1. Saúde pública 362.109

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415



10.56161/sci.ed.202408267



978-65-85376-44-0



SCISAUDE
Teresina – PI – Brasil
scienceesaude@hotmail.com
www.scisaude.com.br



APRESENTAÇÃO

É com grande satisfação que apresentamos o e-book "EVIDÊNCIAS EM SAÚDE PÚBLICA 2", uma continuação da nossa jornada em busca de conhecimento baseado em evidências científicas, essencial para a prática eficaz e consciente na área de saúde pública. Este segundo volume aprofunda as discussões iniciadas no primeiro, oferecendo uma análise criteriosa das práticas e políticas que impactam a saúde coletiva, sempre com foco na aplicação prática do conhecimento.

Com uma abordagem interdisciplinar e atualizada, o e-book reúne pesquisas recentes, estudos de caso e análises críticas sobre os principais desafios e avanços em saúde pública. Questões como epidemiologia, vigilância sanitária, políticas de prevenção, e os impactos sociais das intervenções em saúde são discutidos de forma abrangente e acessível, permitindo que profissionais da saúde, gestores, pesquisadores e estudantes encontrem neste material uma fonte confiável de informações.

Além disso, "EVIDÊNCIAS EM SAÚDE PÚBLICA 2" oferece reflexões sobre a importância da tomada de decisões informadas por dados concretos e evidências robustas, destacando como essas práticas podem melhorar a eficácia dos programas de saúde pública e, consequentemente, a qualidade de vida das populações.

Este e-book é um recurso valioso para todos que atuam ou se interessam pela área da saúde pública, oferecendo insights que podem influenciar positivamente a prática diária e o desenvolvimento de políticas de saúde mais justas e eficazes. Convidamos você a explorar este conteúdo rico e a utilizar as evidências apresentadas para fortalecer ainda mais sua atuação no campo da saúde pública. Que este guia seja uma ferramenta indispensável para a construção de um sistema de saúde mais eficiente e equitativo para todos.

Boa Leitura!!!



Sumário

EVIDÊNCIAS EM SAÚDE PÚBLICA 2.....	4
APRESENTAÇÃO.....	7
Sumário	8
CAPÍTULO 1.....	10
ABORDAGENS TERAPÊUTICAS NAS LESÕES POR PRESSÃO EM PACIENTES COM DIABETES.....	10
10.56161/sci.ed.202408267C1.....	10
CAPÍTULO 2.....	29
ANÁLISE DO NÍVEL DE DEPRESSÃO EM IDOSOS	29
10.56161/sci.ed.202408267C2.....	29
CAPÍTULO 3.....	46
BOAS PRÁTICAS DE SEGURANÇA DO PACIENTE APLICADAS EM UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA PEDIÁTRICA: UMA REVISÃO Á LUZ DA LITERATURA	46
10.56161/sci.ed.202408267C3.....	46
CAPÍTULO 4.....	54
COMPOSTO NATURAL: QUINONA: AVALIANDO SUA IMPORTÂNCIA NA ATIVIDADE ANTIMICROBIANA: UMA REVISÃO INTEGRATIVA	54
10.56161/sci.ed.202408267C4.....	54
CAPÍTULO 5.....	63
DISFUNÇÕES HEMATOLÓGICAS EM PACIENTES PORTADORES DE IMUNOSSUPRESSÃO EM HIV	63
10.56161/sci.ed.202408267C5.....	63
CAPÍTULO 6.....	76
FATORES ASSOCIADOS À FALHA NA ATIVAÇÃO OOCITÁRIA HUMANA.....	76
10.56161/sci.ed.202408267C6.....	76
CAPÍTULO 7.....	85
IMPLICAÇÕES DA COVID-19 PARA A SAÚDE MENTAL DOS IDOSOS	85
10.56161/sci.ed.202408267C7.....	85
CAPÍTULO 8.....	97
O SOFRIMENTO MORAL NO CONTEXTO LABORAL DA ENFERMAGEM.....	97
10.56161/sci.ed.202408267C8.....	97
CAPÍTULO 9.....	110



PREVALÊNCIA DE ANSIEDADE EM ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS EM TEMPOS DE PANDEMIA	110
10.56161/sci.ed.202408267C9.....	110
CAPÍTULO 10.....	123
TDAH (TRANSTORNO DO DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE) EM ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS	123
10.56161/sci.ed.202408267C10.....	123
CAPÍTULO 11.....	142
TRANSFORMAÇÕES E DESAFIOS NA SAÚDE MENTAL NO BRASIL: UM ESTUDO REFLEXIVO.....	142
10.56161/sci.ed.202408267C11.....	142
CAPÍTULO 12.....	152
UTILIZAÇÃO DA TECNOLOGIA CRISPR-CAS9 PARA O TRATAMENTO DA TALASSEMIA ALFA INTERMEDIÁRIA, PATOLOGIA DE NATUREZA HEREDITÁRIA	152
10.56161/sci.ed.202408267C12.....	152



CAPÍTULO 9

PREVALÊNCIA DE ANSIEDADE EM ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS EM TEMPOS DE PANDEMIA

PREVALENCE OF ANXIETY IN UNIVERSITY STUDENTS IN TIMES OF PANDEMIC

 **10.56161/sci.ed.202408267C9**

Ana Carolina Dantas Rocha Cerqueira

Universidade Estadual da Paraíba

<https://orcid.org/0000-0001-5782-3102>

Katarina Antonino Queiroz

Hospital Geral de Serra Branca

<https://orcid.org/0009-0004-8944-7331>

Michelinne Oliveira Machado Dutra

Universidade Estadual da Paraíba

<https://orcid.org/0000-0003-4066-8964>

Rosilene Santos Baptista

Universidade Estadual da Paraíba

<https://orcid.org/0000-0001-7400-7967>

Carolina Pereira da Cunha Sousa

Universidade de Brasília

<https://orcid.org/0000-0002-4457-6568>

Edlene Régis Silva Pimentel

Universidade Federal de Campina Grande

<https://orcid.org/0000-0003-0357-5825>

Maria das Dores Fernandes Andrade

Hospital da Criança e do Adolescente de Campina Grande

<https://orcid.org/0009-0001-8590-7175>

Iana Mendes Viana

Hospital Municipal Dr. Edgley

<https://orcid.org/0009-0009-0331-6389>

Sandra dos Santos Sales

Centro Universitário Unifacisa



<https://orcid.org/0000-0003-3561-0311>

Matheus Figueiredo Nogueira

Universidade Federal de Campina Grande

<https://orcid.org/0000-0002-5787-7861>

RESUMO

Os transtornos ansiosos são os que mais comprometem os brasileiros, sendo a média de pessoas afetadas (9,3%) três vezes superior a nacional. Neste contexto, a população universitária desporta suscetibilidade devido as mudanças sociais, psicológicas, ambientais e acadêmicas que exigem adaptação a um novo papel. Soma-se a isto um aumento considerável da perturbação psicológica em tempos pandêmicos. **OBJETIVO:** Verificar a prevalência de ansiedade dos graduandos em tempos de pandemia e fatores associados. **MÉTODO:** Trata-se de uma pesquisa transversal e quantitativa realizada com 100 universitários. Os dados foram coletados em ambiente virtual *online* por meio da técnica *Respondent Driven Sampling* (RDS) durante o mês de setembro de 2021 após aprovação do Comitê de Ética, utilizando-se como instrumentos de coleta o Inventário de Ansiedade Beck (BAI) e um questionário de caracterização demográfica, socioeconômica, estudantil e relacionada a prática de atividade física e sono. **RESULTADOS:** Dos estudantes avaliados, 25% possuíam ansiedade mínima, 22% leve, 23% moderada e 30% grave. Houve associação estatisticamente significante entre ter ansiedade grave e ser do sexo feminino ($p = 0,038$). Os sintomas ansiosos mais apontados como problema grave foram: nervoso (23%), medo que aconteça o pior (21%), medo de morrer (16%) e incapacidade de relaxar (14%). **CONCLUSÃO:** Foi elevada a prevalência de ansiedade grave na população estudada com considerável questão de gênero associada. Ressalta-se, pois, a importância de ofertar atendimento em saúde mental para esta população como forma de se promover melhor performance acadêmica, além de prevenir e auxiliar no tratamento da ansiedade, evitando a incidência de transtornos mais graves.

PALAVRAS-CHAVE: Ansiedade; estudantes; saúde mental; COVID-19.

ABSTRACT

Anxiety disorders are the ones that most affect Brazilians, with the average number of affected people (9.3%) being three times higher than the national average. In this context, the university population emerges susceptible due to social, psychological, environmental and academic changes that require adaptation to a new role. Added to this is a considerable increase in psychological distress in pandemic times. **OBJECTIVE:** To verify the prevalence of anxiety among undergraduates in times of pandemic and associated factors. **METHOD:** This is a transversal and quantitative research carried out with 100 university students. Data were collected in a virtual online environment using the Respondent Driven Sampling (RDS) technique during the month of September 2021 after approval by the Ethics Committee under opinion, using the Anxiety Inventory as collection instruments Beck (BAI) and a demographic, socioeconomic, student and sleep-related questionnaire. **RESULTS:** Of the evaluated students, 25% had minimal anxiety, 22% mild, 23% moderate and 30% severe. There was a statistically significant association between having severe anxiety and being female ($p = 0.038$). The anxiety symptoms most frequently mentioned as a serious problem were: nervous (23%), fear that the worst would happen (21%), fear of dying (16%) and inability to relax



(14%). **CONCLUSION:** The prevalence of severe anxiety was high in the population studied with considerable associated gender issues. Therefore, the importance of offering mental health care to this population is highlighted as a way to promote better academic performance, in addition to preventing and assisting in the treatment of anxiety, avoiding the incidence of more serious disorders.

KEYWORDS: Anxiety; students; mental health; COVID-19

INTRODUÇÃO

2015, a estimativa é que 264 milhões de pessoas no mundo sofram com problemas relacionados a ansiedade, tendo uma maior prevalência nas mulheres. Os dados também mostram que, no mundo 3,6% da população sofre com distúrbios ansiosos, e que 9,3% da população brasileira é acometida em algum grau pela doença, sendo, portanto, um dos índices mais altos do mundo.

No dia 31 de dezembro de 2019, a OMS foi alertada sobre inúmeros casos de pneumonia na cidade de Wuhan, na China. Tratava-se de um novo tipo de coronavírus que não havia sido identificado anteriormente em seres humanos. Ao todo, existem sete coronavírus humanos, e o mais recente foi nomeado de SARS-CoV-2, responsável por causar a Doença do Coronavírus 2019. Em maio de 2021, já existiam mais de 167.492.760 casos confirmados de COVID-19, incluindo mais de 3.482.900 mortes relatadas à OMS. No Brasil, mais de 16.120.750 casos confirmados da doença e mais de 449.850 mortes.

De acordo com a Agência Fiocruz de Notícias, em tempos pandêmicos, algumas medidas públicas devem ser adotadas. Dentre elas podemos citar: home office; universidades se modificando para aulas virtuais; reuniões e atividades culturais e esportivas canceladas. Tais medidas são consideradas estratégias-chave para impedir a transmissão ou amenizá-la, porém, podem apresentar um custo social e de saúde mental bastante significativo. As reações à crise podem incluir sentimentos de opressão, tristeza, medo, desamparo e raiva, segundo especialistas. Algumas pessoas podem ter dificuldades na hora do sono ou da concentração; podem ter medo de entrar em contato com outras pessoas; utilizar transportes públicos ou entrar em espaços públicos pode causar algum aparecimento de sintoma físico, como aumento da frequência cardíaca ou dores de estômago.

Conforme Araújo e Cardoso (2020) em uma pesquisa realizada com 619 estudantes universitários portugueses, com idades entre 20 e 40 anos e efetivamente matriculados em diversos cursos, foi visto que no tempo pandêmico, o nível de ansiedade, depressão e estresse estava consideravelmente elevado quando comparado ao período normal. Também foi



analisado que em ambos os períodos, normal e pandêmico, o índice de homens com depressão era maior que o de mulheres, e, concomitantemente, o nível de ansiedade e estresse nas mulheres em ambos os períodos, foi significativamente maior que o dos homens. Tais resultados confirmam um aumento considerável da perturbação psicológica, como a ansiedade, estresse e depressão dos estudantes universitários em tempos pandêmicos comparativamente a períodos normais.

Segundo pesquisa realizada por Maia e Dias (2020), houve um aumento significativo de ansiedade, depressão e estresse nos estudantes universitários em tempos pandêmicos comparativamente a períodos normais. A necessidade de entender a respeito do mecanismo da ansiedade é de extrema importância no atual cenário da sociedade brasileira, visto que os transtornos ansiosos lideram a lista de problemas de ordem mental, principalmente em estudantes, e, somado a isso, o enfrentamento de uma pandemia aliada à vivência acadêmica acaba aumentando consideravelmente o nível de ansiedade nessa população.

Diante do exposto, este estudo apresenta como questão norteadora: “Qual a prevalência de ansiedade nos estudantes universitários em tempos da pandemia do COVID-19?”. Em busca de respostas para este questionamento, o presente estudo teve como objetivo geral verificar a prevalência de ansiedade em estudantes universitários em tempos de pandemia e fatores associados.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de um estudo transversal observacional, exploratório descritivo e com abordagem quantitativa, desenvolvido via questionário virtual enviado por *smartphones*, por meio do *Google Forms*. Inicialmente, o *link* foi encaminhado para um aplicativo multiplataformas de mensagens instantâneas para grupos de estudantes efetivamente matriculados no Centro Universitário Unifacisa. Após isso, os participantes foram incentivados a encaminhar o questionário a outros estudantes universitários.

A população de estudo foi composta por estudantes universitários. A amostra foi constituída por 100 estudantes. Como critérios de inclusão foram incluídos no estudo estudantes universitários efetivamente matriculados em qualquer instituição de ensino superior. Foram excluídos aqueles menores de 18 anos de idade.

A coleta dos dados foi realizada por meio da técnica *Respondent Driven Sampling* (RDS), durante o mês de setembro de 2021. A coleta de dados foi realizada por meio do: a)



Inventário de Ansiedade Beck – BAI, b) questionário elaborado pela pesquisadora, contendo questões referentes à caracterização demográfica, socioeconômica, estudantil e relacionadas a prática de atividade física e sono.

O Inventário de Ansiedade de Beck – BAI (Beck *et al.*, 1988) foi utilizado para avaliar a ansiedade dos estudantes. O inventário é composto de vinte e um itens relacionados à presença de sintomas ansiosos (Cunha, 2001). Para cada item o sujeito deve escolher um dentre quatro níveis de ansiedade e a soma dos escores obtidos pode variar de 0 a 63 pontos, que varia de acordo com a intensidade da ansiedade. A classificação descrita no manual recomenda que o nível de ansiedade seja classificada como mínima até 7 pontos; um escore variando de 8 a 15 pontos indica uma ansiedade leve; 16 a 25 pontos indica uma ansiedade moderada; e 26 a 63 pontos uma ansiedade grave (Baptista; Carneiro, 2011).

A coleta dos dados ocorreu em ambiente virtual *on-line* após aprovação ao Comitê de Ética sob parecer 4.934.316. O convite aconteceu por aplicativo multiplataformas de mensagens instantâneas para participação do estudo. A cada estudante que participava do estudo era solicitado que enviasse o questionário a outro estudante com os critérios de inclusão retomencionados. Participaram do estudo estudantes universitários efetivamente matriculados em qualquer Instituição de Ensino Superior. Os dados foram coletados após assinatura digital do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que assegura ao participante os princípios éticos e legais de acordo com as recomendações propostas pela resolução 466/2012. O TCLE foi encaminhado para assinatura digital via formulário do *Google Forms* no qual os colaboradores aceitaram participar do estudo ou não, subsequentemente os participantes concordantes em participar do estudo receberam via *e-mail* uma via do documento assinado pelas pesquisadoras, assim como uma via das suas respostas.

Pesquisas que envolvem seres humanos há possibilidade de riscos (immediatos ou tardios). Para evitar riscos de constrangimento as questões não tiveram preenchimento obrigatório, o questionário não foi identificado pelo nome para que fosse mantido o anonimato; os indivíduos receberam esclarecimento prévio sobre a pesquisa; a entrevista poderia ser interrompida a qualquer momento; o contato da pesquisadora foi reforçado no questionário para que o participante entrasse em contato caso apresentasse algum sofrimento e caso ocorresse, eles seriam acolhidos e orientados ao suporte na rede de atendimento do sistema de saúde. Asseguramos ainda a segurança na transferência e no armazenamento dos dados conforme as recomendações dadas pelo ofício circular 2/2021 do Conselho Nacional de Saúde, no qual sugere que uma vez concluída a coleta de dados seja feito o *download* do material e deletado de dispositivos e ambientes virtuais compartilhados, *drives* ou “nuvens”.



Os dados obtidos foram digitados e armazenados em banco de dados em uma planilha no *Microsoft Office Excel*, versão 2016, *Windows 10* e, após, analisados por meio de estatística descritiva e analítica, utilizando o *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS) versão 20. Utilizou-se o teste de qui-quadrado, para verificar a existência de associação entre os níveis de ansiedade e as variáveis demográficas, socioeconômicas, estudantis e relacionadas a prática de atividade física e sono, sendo considerados estatisticamente significantes valores $\leq 0,05$.

Dentre os benefícios expostos, destaca-se a mensuração da ansiedade dos estudantes em tempos de pandemia, o que pode resultar em dados importantes para que no futuro ocorra a elaboração de estratégias que permitam evitar e compreender os sintomas, visando não prejudicar o desempenho acadêmico e a qualidade de vida do estudante.

3. RESULTADOS

Participaram da pesquisa 100 estudantes universitários, efetivamente matriculados em instituições de ensino superior pública e privada. A distribuição da amostra conforme características demográficas, socioeconômicas, estudantis e relacionadas à prática de atividade física e sono mostra que: a maioria dos estudantes tinha entre 20 e 34 anos (74%) e era do sexo feminino (71%). Do total, 69% não possuía companheiro e 92% não tinha filho. Quanto a procedência dos estudantes, 97% eram paraibanos, sendo 50% de IES da rede pública e 50% da rede privada.

Predominaram estudantes da área da saúde (62%) e a média do período em curso foi de 5,74. Cinquenta e três por cento dos participantes além de estudar, trabalhavam e no que concerne a renda familiar 44% relataram receber quatro ou mais salários mínimos. Quanto ao arranjo de moradia, 93% moravam com a família, e 87% reside na mesma cidade em que estuda. Com relação a rotina de sono 76% dormiam entre 6 e 8 horas e 20% menos de 6 horas. No quesito prática de exercícios, 42% declararam-se sedentários.

A análise dos *scores* do Inventário de Ansiedade de Beck (BAI), revela que 25% dos estudantes possuíam ansiedade mínima, 22% ansiedade leve, 23% ansiedade moderada e 30% ansiedade grave.

Já em relação à prevalência apresentada pelos estudantes para cada um dos 21 sintomas investigados pelo Inventário de Ansiedade de Beck, constata-se que: os sintomas mais apontados como problema grave foram: nervoso (23%), medo que aconteça o pior (21%), medo de morrer (16%) e incapacidade de relaxar (14%).

Ainda, analisando a distribuição da intensidade da ansiedade de acordo com as variáveis preditoras, mostrou-se associado ao desfecho a variável sexo ($p=0,038$), com sentido da associação entre ser do sexo feminino e ter ansiedade grave; a prevalência de ansiedade grave entre as mulheres foi de 26% e entre os homens de 4% (dados não disponíveis em tabela).

4. DISCUSSÃO

Estudo realizado em uma escola pública de enfermagem do estado São Paulo constatou que 30% dos estudantes apresentaram grau mínimo de ansiedade 12% ansiedade grave, 24% moderada e 34% leve (Marchi, et al., 2013). Outra pesquisa realizada com alunos do primeiro ano dos cursos da saúde de um Centro Universitário do Ceará, ao aplicar o Inventário de Ansiedade de Beck, constou que 62,2% apresentaram a forma leve da ansiedade, 27,9% nível moderado e 9,9% nível grave (Costa; Oliveira, 2012). Os dados apresentados, situam o panorama ansiogênico encontrado na presente investigação como preocupante vez que dos 100 estudantes avaliados, 53% apresentam consideráveis níveis de ansiedade (moderada e grave), sendo destes 30% ansiedade grave, revelando uma forte presença de ansiedade grave na amostra investigada e reforçando a necessidade de se intervir sobre as possíveis situações de ansiedade relacionadas direta ou indiretamente as vivências do meio acadêmico.

Estudo realizado com o objetivo de avaliar a epidemiologia dos transtornos de ansiedade em regiões do Brasil encontrou que os mesmos representam as condições psiquiátricas mais frequentes na população brasileira, com aproximadamente 19,9% nos últimos 12 meses e 28,1% ao longo da vida (Mangoline et al., 2019).

Os universitários, por sua vez, representam uma população vulnerável uma vez que, para os mesmos, o tão sonhado curso representa ter que lidar com uma nova rotina de excessos, cobranças e preocupações que constituem fatores que acabam gerando ansiedade. Estudo realizado em Brasília afirma que ingressar no ensino superior é algo significativo na vida dos jovens, pois, tradicionalmente, coincide com um período de desenvolvimento psicossocial marcado por importantes mudanças. É conhecido como o período de explorações definido como idade das possibilidades, estando presentes as instabilidades e reconhecidamente a fase de desenvolvimento na qual o jovem se encontra em um processo complexo de transição.

Ademais, não há como pensar a situação de ansiedade dos estudantes, no presente



momento, dissociando-a das questões pandêmicas que os mesmos atravessam, que incluem rápidas mudanças, alto nível de cobranças, frustrações diárias e dificuldades técnicas durante o ensino remoto.

Corrobora com o exposto, estudo realizado com uma amostra de universitários portugueses, após a realização de um teste que objetivou a comparação dos níveis de ansiedade, depressão e estresse nos períodos normais e pandêmicos, encontrou-se uma média de 3,31 de ansiedade em mulheres em períodos normais e de 12,41 em períodos pandêmicos. Em relação aos homens, constou-se a média de 2,74 em períodos normais e de 11,92 em períodos pandêmicos.

Concernente às características demográficas da amostra em questão, verifica-se um predomínio de mulheres (71%) e o fator sexo associado com a ansiedade apresentada pelos estudantes. Corroborando este achado, pesquisa desenvolvida em um grande centro urbano do Nordeste do Brasil, evidencia maior prevalência da ansiedade associada ao sexo feminino, assim como estudo realizado em Ribeirão Preto destaca que as mulheres apresentaram maior nível de ansiedade quando comparadas aos homens. Ademais, em estudo conduzido por Kinrys e Wygant (2005) as mulheres que possuem transtornos de ansiedade tendem a apresentar os sintomas com mais frequência que os homens, além de relatarem uma maior gravidade na intensidade deles. Há, pois, evidências de que os hormônios sexuais femininos e os fatores genéticos podem desempenhar importantes papéis na expressão dessas diferenças de gênero. Estudo realizado no Paraná aponta predomínio de níveis mais elevados de ansiedade no sexo feminino, e afirma que um fator que pode esclarecer tais resultados é o fato da mulher ainda precisar vencer obstáculos para ingressar em uma carreira que lhe permita ter uma independência econômica e social, enfrentando, muitas vezes, maiores conflitos que os homens e consequentemente reagindo com maior grau de ansiedade em condições de pressão psicológica (Carvalho *et al.*, 2015).

No que diz respeito à média de idade apresentada pelos estudantes investigados (22 anos), a mesma assemelha-se à de estudo transversal realizado com 234 estudantes, que aponta idade média dos acadêmicos de 22 anos de idade e com a expressa no trabalho de Almodôa e Araújo (2003) que foi de 20,54 anos. No que diz respeito à relação entre a idade e o adoecimento mental, é sabido que os transtornos mentais são diagnosticados de forma cada vez mais precoce nas pessoas (Meirelles; Poleto, 2021), não obstante na presente investigação a idade não esteve associada à ansiedade expressa pelos estudantes.

Devido à amostra estudada ser predominantemente mais jovem, o estado civil da



população esteve alinhado com a idade da população estudada, de modo que 69% dos estudantes não possuem companheiro. Relacionado a isso, apenas 8% da população possui filhos, o que confirma o fato de que cada vez mais as mulheres que preferem ter uma gestação em idade mais avançada, quando percebem-se maduras e preparadas financeiramente e psicologicamente (Aldrich *et al.*, 2016).

No que diz respeito as características relativas a escolarização da amostra, percebe-se paridade entre o número de pessoas que estudam em instituição de ensino superior pública (50%) e privada (50%), o que reflete que o ensino superior privado está em ascendência no nosso país, principalmente com a grande quantidade de financiamentos disponíveis para escolha dos acadêmicos. Estudo conduzido por Silva (2019) destaca que em 2013 os novos contratos de concessões de financiamento estudantil (FIES) corresponderam praticamente ao total de contratos ocorridos entre 2010 e 2012, e, evidenciou ainda que, em 2014, os novos contratos representaram quase dois terços do total dos contratos ocorridos entre 2010-2014.

Prevaleceram na amostra estudantes da área de saúde (62%), seguidos de acadêmicos da área de humanas (20%) e exatas (18%), porém não houve diferença estatisticamente significante entre o tipo de curso escolhido e o grau de ansiedade expresso pelos estudantes. Em contrapartida, pesquisa desenvolvida com graduandos da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), apontou maior nível de ansiedade nos estudantes de Educação e Humanidades, seguidos de Biomédicas, Ciências Sociais e por fim Tecnologia e Ciência.

Quanto ao sono dos estudantes, estudo realizado por Leão e colaboradores (2018) evidenciaram que 87,6% dos estudantes declararam-se insatisfeitos com a quantidade de sono por noite. Assim como, estudo quali-quantitativo desenvolvido na Universidade do Extremo Sul Catarinense revelou que 56,25% dos estudantes diziam sentir falta de um maior tempo para descanso. Na presente investigação os resultados encontrados a respeito da quantidade de horas de sono dos universitários estão, em sua maioria (76%), dentro do recomendado (dormir entre 6 e 8h por noite) e não foi expressa qualquer relação estatisticamente significante entre o tempo de sono e o grau de ansiedade do estudante. Não obstante, há um consenso na literatura que sugere que há uma forte relação desse fator com o surgimento de processos ansiosos.

Um estudo realizado em São Paulo verificou que, quanto maior o prejuízo no sono, mais altos são os níveis de ansiedade-traço e depressão. Pesquisa conduzida por Galvão e colaboradores corrobora com este estudo, visto que concluiu que a má qualidade de sono entre os estudantes está estreitamente relacionada com as perturbações mentais, como o



estresse, ansiedade e a depressão (Coelho et al., 2010).

Não há relatos na literatura que associe a renda mensal de um indivíduo com a presença ou não do adoecimento mental. Não obstante, é sabido que os estressores psicossociais apesar de não causarem adoecimento mental são fatores de risco em indivíduos predispostos (RB). Neste caso podemos pensar a baixa renda como um fator estressante. No presente estudo 44% dos investigados auferiam renda de quatro ou mais salários mínimos. Ressalta-se ainda que, apesar de a pesquisa ter demonstrado um cenário positivo com relação a renda dos indivíduos, mais da metade (53%) respondeu que trabalha além de estudar, o que evidencia para a necessidade de ganho de um salário recebido no emprego. Estudo realizado no Rio Grande do Sul aponta que 73% dos estudantes exerciam alguma atividade remunerada.

Dos estudantes avaliados 93% residiam com seus familiares. Este fato é importante, pois conforme aponta estudo realizado por Souza e colaboradores (2015) é fundamental o papel dos familiares frente a uma situação ansiogênica. Os autores mostram que 85% dos estudantes recebem ajuda familiar para enfrentar as situações temidas, o que ajuda na diminuição de sintomas ansiosos. Assim, cabe destacar que residir com a família traz consigo a responsabilidade de aceitar a ajuda que cada uma, em sua particularidade, oferece.

No presente estudo o número de pessoas sedentárias (42%) se assemelha ao de pessoas ativas (58%). Estudo realizado na Bahia com 5.767 universitários também trouxe essa particularidade em seu resultado, visto que 51,2% da população praticava atividade física no lazer, enquanto 48,8% não praticava. Na presente investigação, entretanto praticar atividade física não apresentou-se como fator protetor para ansiedade. Não obstante, pesquisa conduzida por Cheik e colaboradores (2003), foi observado a diminuição dos escores indicativos para ansiedade e passaram da classificação de leve deprimidos para não deprimidos os indivíduos praticantes de exercícios físicos regulares, o que pode ser atribuído a melhorias fisiológicas e metabólicas advindas do exercício físico, como a liberação da serotonina.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo foi capaz de evidenciar os níveis de ansiedade presente nos estudantes universitários durante a pandemia da COVID-19. Avaliar os níveis de ansiedade dos estudantes universitários durante este período pandêmico tão delicado foi de extrema importância para se ter um panorama dos impactos psicológicos que a vivencia acadêmica



somada aos impactos que o SARS-CoV-2 trouxe para esta população.

Constatou-se que, dos 100 estudantes avaliados, mais de cinquenta por cento possuíam ansiedade moderada a grave, sendo os sintomas mais frequentes apresentados, o nervosismo, com 23%, o medo de acontecer o pior, 21%, medo de morrer com 16% e a incapacidade de relaxar, com 14%.

Foi, pois elevada a prevalência de ansiedade grave na população estudada com considerável questão de gênero associada, ressaltando-se a importância de ofertar atendimento em saúde mental para esta população como forma de se promover melhor performance acadêmica, além de prevenir e auxiliar no tratamento da ansiedade, evitando a incidência de transtornos mais graves.

Portanto, no âmbito da enfermagem, vale ressaltar a importância do profissional em tratar e acolher estes sujeitos para além dos serviços de saúde, demonstrando-se a importância de se avaliar as condições psicológicas dos alunos no decorrer da graduação. Aponta-se, pois para a necessidade de reavaliar situações geradoras de ansiedade dentro do curso, com o intuito de gerar uma melhoria no bem-estar e no desenvolvimento da aprendizagem dos estudantes.

REFERÊNCIAS

ALDRIGHI, J. D. *et al.* As experiências das mulheres na gestação em idade materna avançada: revisão integrativa. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 50, p. 0512-0521, 2016.

ALMONDES, K. M. de; ARAÚJO, J. F. Sleep/wake cycle pattern and its relationship with anxiety in college students. **Estudos de Psicologia (Natal)**, v. 8, n. 1, p. 37-43, 2003.

ALVES, T. C. T. F. Depressão e ansiedade entre estudantes da área de saúde. **Revista de Medicina**, v. 93, n. 3, p. 101-105, 2014.

APA. AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION *et al.* **DSM-5: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BAPTISTA, M. N.; CARNEIRO, Adriana Munhoz. Validade da escala de depressão: relação com ansiedade e stress laboral. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 28, n. 3, p. 345-352, 2011.

BRANDTNER, M.; BARDAGI, M. Sintomatologia de depressão e ansiedade em estudantes de uma universidade privada do Rio Grande do Sul. **Revista Interinstitucional de Psicologia**, v. 2, n. 2, p. 81-91, 2009.

COSTA, K. M. V. *et al.* Ansiedade em universitários na área da saúde. In: II CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE. 2., 2017, Campina Grande. **Anais** [...]. Campina Grande: Editora Realize, 2017. p. 14-16. Disponível em:



https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conbracis/2017/TRABALHO_EV071_MD1_SA13_ID592_14052017235618.pdf. Acesso em: 20 out. 2021.

CHAVES, E. C. L. *et al.* Ansiedade e espiritualidade em estudantes universitários: um estudo transversal. **Revista brasileira de enfermagem**, v. 68, p. 504-509, 2015.

CHEIK, N. C. *et al.* Efeitos do exercício físico e da atividade física na depressão e ansiedade em indivíduos idosos. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 11, n. 3, p. 45-52, 2003.

FREITAS F. **Coronavírus, saúde mental e o que levar em conta no isolamento** [Internet]. Rio de Janeiro (RJ): Fundação Oswaldo Cruz, 2020.

KINRYS, G.; WYGANT, L. E. Anxiety disorders in women: does gender matter to treatment?. **Brazilian Journal of Psychiatry**, v. 27, p. s43-s50, 2005.

LEÃO, A. M. *et al.* Prevalência e fatores associados à depressão e ansiedade entre estudantes universitários da área da saúde de um grande centro urbano do Nordeste do Brasil. **Revista brasileira de educação médica**, v. 42, p. 55-65, 2018.

LOURENÇO, C. *et al.* Comportamento sedentário em estudantes Universitários. **Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde**, v. 21, n. 1, p. 67- 77, 2016.

MAIA, B. R.; DIAS, P. C. Anxiety, depression and stress in university students: the impact of COVID-19. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 37, 2020.

MARCHI, K. C. *et al.* Ansiedade e consumo de ansiolíticos entre estudantes de enfermagem de uma universidade pública. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 15, n. 3, p. 729-37, 2013.

MANGOLINE, V. I. et al. Epidemiologia dos transtornos de ansiedade em regiões do Brasil: uma revisão de literatura. **Rev. Med (São Paulo)**. v. 9, n. 6, p. 415-22, 2019.

MEIRELLES, L. O. L; POLETTO, L; A modernidade líquida e os transtornos de ansiedade e depressão no ambiente escolar. **Revista Gestão & Tecnologia**, v. 1, n. 32, p. 12-25, 2021.

OMS. Organizaçao Mundial de Saúde. **Depression and other common mental disorders: global health estimates**. Geneva: WHO, 2017. 24 p.

OPAS. Histórico da pandemia de COVID-19. 2020. In: Organização Pan-Americana de Saúde, Brasília.

OSSE, C. M. C.; COSTA, I. I. Saúde mental e qualidade de vida na moradia estudantil da Universidade de Brasília. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 28, p. 115-122, 2011.

SILVA, V. M. B. A. **A expansão do Fundo de Financiamento Estudantil (Fies) nas instituições superior privadas no Rio Grande do Norte-Brasil**. 2019. 27 f.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Federal do Rio



Grande do Norte, Natal, 2019. Disponível em:
https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/42356/1/ExpansaoFinanciamentoEstudantil_Silva_2019.pdf. Acesso em: 15 out. 2021.

SOUZA, I. T. S. *et al.* O Papel da Família na Manutenção de Respostas de Ansiedade. **Movendo Ideias**, v. 20, n. 2, p. 28-37, 2018.

VASCONCELOS, T. C. *et al.* Prevalência de sintomas de ansiedade e depressão em estudantes de medicina. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 39, p. 135- 142, 2015.

VICTORIA, M. S. *et al.* Níveis de ansiedade e depressão em graduandos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). **Encontro: Revista de Psicologia**, v. 16, n. 25, p. 163-175, 2013.

WHO. WHO Coronavirus (COVID-19) Dashboard. *In: World Health Organization*.